



ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE GUARABIRA – CAPUS III –

UEPB

CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO

Linha de Pesquisa

Geografia urbana e sua dinâmica

FÁBIO MIGUEL DINIZ

ESTUDO DA VERTICALIZAÇÃO DO BAIRRO NOVO, EM GUARABIRA, PB

GUARABIRA-PB

2011

FÁBIO MIGUEL DINIZ

**ESTUDO DA VERTICALIZAÇÃO DO BAIRRO NOVO, EM
GUARABIRA, PB**

Artigo submetido ao Programa de Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e História da Universidade Estadual da Paraíba, campus Guarabira - CH, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de graduação em Geografia.

Orientador: Prof^o Ms. Robson Pontes de Freitas Albuquerque

**GUARABIRA-PB
JUNHO-2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

D583e

Diniz, Fábio Miguel

Estudo da verticalização do Bairro Novo, em
Guarabira, PB / Fábio Miguel Diniz. – Guarabira:
UEPB, 2011.

20f. Il.Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Robson Pontes de Freitas
Albuquerque”.

1. Produção do Espaço
3. Bairro Novo I.Título.

2. Verticalização

22.ed. CDD 307.76

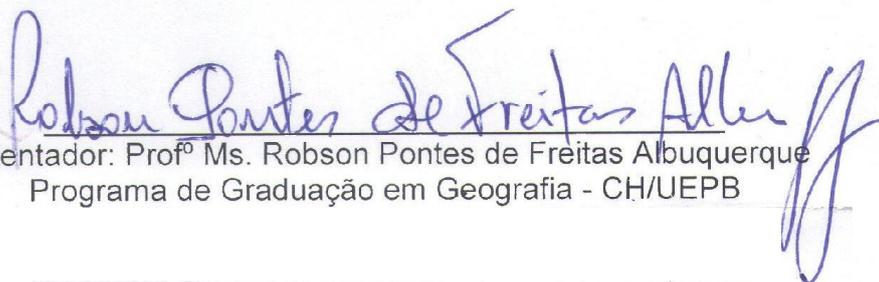
TERMO DE APROVAÇÃO

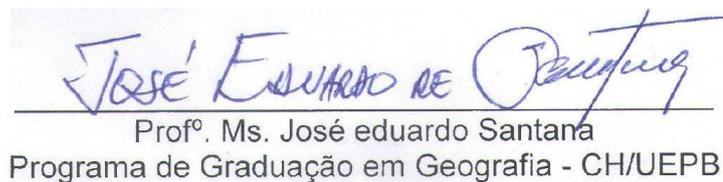
Fábio Miguel Diniz

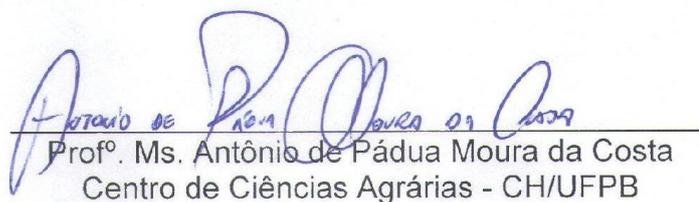
Estudo da verticalização do bairro Novo, em Guarabira, PB

Artigo submetido ao Programa de Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e História da Universidade Estadual da Paraíba, campus Guarabira - CH, composto pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em ____ / ____ / ____.


Orientador: Prof^o Ms. Robson Pontes de Freitas Albuquerque
Programa de Graduação em Geografia - CH/UEPB


Prof^o. Ms. José Eduardo Santana
Programa de Graduação em Geografia - CH/UEPB


Prof^o. Ms. Antônio de Pádua Moura da Costa
Centro de Ciências Agrárias - CH/UFPB

ESTUDO DA VERTICALIZAÇÃO DO BAIRRO NOVO, EM GUARABIRA, PB

FÁBIO MIGUEL DINIZ

RESUMO

Este trabalho consiste em um artigo científico, vinculado ao curso de Licenciatura plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa desenvolvida tem como tema central a verticalização do solo do bairro Novo, Guarabira, PB, percebendo essa dinâmica como forma de reprodução do capital na cidade. Nos últimos anos, o bairro Novo, tem passado por um intenso processo de verticalização do seu solo, proporcionado por um conjunto de condições criadas a partir de novas funções econômicas, sociais e políticas que começaram a ser delineadas a partir, principalmente, do desenvolvimento da cidade que vem atraindo novos habitantes. O ordenamento da cidade e a percepção dos agentes ligados à construção civil, possibilitaram que o bairro se tornasse uma área propícia aos investimentos na sua verticalização e alvo da especulação imobiliária. Vários empreendimentos verticais foram construídos até o ano de 2010, enquanto outros estão em construção o que, ao longo dos anos, transformou a dinâmica socioespacial do bairro. Considerando que o espaço urbano é socialmente construído, produto e condição para o processo de reprodução da sociedade capitalista, essa pesquisa tem por objetivo analisar a verticalização desse bairro, considerando as relações estabelecidas entre os agentes sociais produtores do espaço urbano na produção do espaço urbano do Bairro Novo através da verticalização do seu solo, para fins de reprodução do capital. A metodologia adotada perpassa as pesquisas primárias e secundárias, compostas pela pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com a finalidade de melhor analisar essa dinâmica no referido bairro.

PALAVRAS-CHAVE: Produção do Espaço. Verticalização. Bairro Novo.

ABSTRACT

This work consists of a scientific article, linked to full Bachelor's Degree in Geography, State University of Paraíba. The research conducted is focused on the vertical soil in the neighborhood New Guarabira, PB, perceiving this as a dynamic form of reproduction of capital in the city. In recent years, the new neighborhood has gone through an intense process of vertical integration of its soil, provided by a set of conditions created from new functions, social and economic policies that began to be drawn from mainly the development of city that is attracting new residents. The city planning and the perception of agents working for the construction, enabled the district to become a good area for investment in vertical integration and its target of speculation. Several vertical projects were built by the year 2010, while others are under construction which, over the years, transformed the socio-spatial dynamic of the neighborhood. Whereas the urban space is socially constructed, product and process condition for the reproduction of capitalist society, this research aims to

analyze the vertical integration of the neighborhood through the theory of social production of space, in the production of urban space through the Bairro Novo verticalization of its soil for the purpose of reproduction of capital. The methodology goes through primary and secondary research, composed by literature and field research, in order to better understand this dynamic in that neighborhood.

KEYWORDS: Production of Space. Piggybacking. Bairro Novo.

1 INTRODUÇÃO

Analisar a verticalização do bairro Novo, Guarabira-PB, na perspectiva da produção do espaço urbano é o intento deste trabalho, à luz da Geografia. O trabalho procura discutir a verticalização desse bairro, que é um dos aspectos materializados no espaço e que, por sua vez, é um dos aspectos de análise que acompanham o complexo e dinâmico processo de urbanização brasileira.

A escolha do tema se justifica por se tratar da análise dos processos de produção e reprodução do espaço que se realiza de modo ininterrupto, apresentando em cada momento da história, características específicas de um processo que envolve vários níveis; o político que produz o espaço de dominação; o econômico que produz o espaço como condição e meio da realização da acumulação e finalmente o social, isto é, a realização da vida cotidiana enquanto prática sócio-espacial. (CARLOS, 2002).

Por outro lado, o crescimento urbano das cidades brasileiras tem sido destaque em discussões de variados âmbitos: acadêmico, social, político, ambiental, econômico, dentre outros. Isso porque a dinâmica espacial atrelada a este crescimento denota que o espaço urbano das cidades é dinâmico, mutável e que, dessa forma, a sociedade permanece materializando suas intencionalidades e produzindo formas de acordo com novas necessidades que surgem cotidianamente, essas decorrentes do modo de produção capitalista vigente.

No Brasil, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram pioneiras no processo de verticalização do seu solo, o que se intensificou com a industrialização da Região Sudeste. Em Guarabira, a verticalização começou a transparecer de forma contínua na paisagem urbana a partir da década de 2000, tendo sido acentuada nos últimos cinco anos, com cada vez mais espaços sendo verticalizados.

O bairro novo tem atraído o interesse de novos moradores e investidores, já que possui uma posição geográfica diferenciada, abrigando obras verticais em seu espaço que formam um conjunto harmonioso com as casas já existentes.

Sua localização também é um atrativo para aqueles que buscam residir no bairro, uma vez que poderão desfrutar de uma visão privilegiada da cidade, além de apresentar uma distribuição urbana bem dimensionada em relação aos pontos comerciais e de serviços, estando próximo de bancos, escolas, supermercados e principais corredores urbanos da cidade. Todos estes atributos têm transformado o bairro novo em um dos endereços mais valorizados e que oferece qualidade de vida em Guarabira.

Dessa forma, essa pesquisa tem como tema central a verticalização do bairro Novo, Guarabira, PB. Seu objetivo é analisar a verticalização do bairro Novo através da produção do espaço urbano do bairro, considerando as principais metamorfoses espaciais oriundas desse processo.

Para efetivação da pesquisa, alguns procedimentos metodológicos foram adotados de forma a alcançar o objetivo proposto. Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa consideraram a análise de dados de fontes secundárias e de fontes primárias. Como importantes fontes de dados secundários, destacam-se a pesquisa bibliográfica, como dados primários foi realizada a análise de registros fotográficos, indispensável ao entendimento da sua dinâmica espacial.

2 ESPAÇO URBANO E VERTICALIZAÇÃO

Discutir sobre a temática da verticalização do bairro Noivo, considerando-a como forma de reprodução do capital, e suas conseqüentes metamorfoses espaciais, envolve uma preliminar discussão sobre conceitos teóricos, frutos da reflexão de como o espaço geográfico e, especificamente o espaço urbano, vem sendo organizado, estruturado. Assim, inicialmente, achamos necessário entender que o espaço, trabalhado na ciência geográfica, é produzido socialmente, e que essa produção ocorre paralela à produção dos bens materiais essenciais à sobrevivência do homem.

Quanto à importância do conceito de espaço, alguns autores fundamentam suas teorias baseados em uma mesma linha de pensamento, outros dão a este conceito uma definição um tanto simplista, relatando que o espaço não passava de

uma localização física, uma peça de bem imóvel e ao mesmo tempo o local existencial é uma expressão mental resumida a um “[...] local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação” (GOTTDIENER, 1993, p.126).

O espaço é visto por Trindade Júnior (1997, p.5-6) como produto social resultante “do trabalho dos homens no seio das relações que eles estabelecem entre si e com a natureza”, ou seja, o produto das relações fundamentadas na divisão social do trabalho que ocorrem num determinado momento entre os homens e a natureza.

Assim sendo, o espaço não é estático, mas dinâmico e sua dinâmica é inerente à dinâmica da sociedade, pois cada sociedade produz seu próprio espaço de acordo com sua realidade. Para Santos (2008a, p. 28),

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento.

Aprofundando a discussão, na obra *A natureza do espaço*, Santos (2008b, p. 63) afirma que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.”

Assim, o homem, para realizar suas intencionalidades, transforma o meio através das técnicas, criando objetos, fruto de suas ações (trabalho). O espaço geográfico, dessa forma, não existe sem a ação do homem. Esse conceito de espaço abrange a totalidade, todo o espaço geográfico como um conjunto interligado das sociedades e suas realizações no mundo. Neste contexto, o espaço urbano é, então, um recorte espacial do espaço geográfico e é o eixo de discussão dessa pesquisa, uma vez que se considera a verticalização como mais uma forma de o homem materializar suas intencionalidades no meio.

Ainda assim, não nos damos por satisfeitos em trabalhar somente com espaço, buscamos o conceito de espaço urbano como produto social para subsidiar nosso debate na pesquisa. Inicialmente, nos deteremos à afirmação de Costa (2000, p. 41), o qual diz que: “O espaço urbano como produto social, por efeito, apresenta as mesmas características já analisadas sobre a noção de espaço, ou seja, ele

constitui um reflexo e um condicionante da sociedade e se apresenta também fragmentado e articulado”.

O espaço é visto por Trindade Júnior (1997, p.5-6) como produto social resultante “do trabalho dos homens no seio das relações que eles estabelecem entre si e com a natureza”, ou seja, o produto das relações fundamentadas na divisão social do trabalho que ocorrem num determinado momento entre os homens e a natureza.

Assim sendo, o espaço não é estático, mas dinâmico e sua dinâmica é inerente à dinâmica da sociedade, pois cada sociedade produz seu próprio espaço de acordo com sua realidade. Santos (2008, p.149) já revelava que a dinâmica do espaço lhe assegura, antes de mais nada: “[...] a tendência a reproduzir a estrutura global que lhe deu origem, ao mesmo tempo em que se impõe a essa reprodução social como uma mediação indispensável que às vezes altera o objetivo inicial ou lhe imprime uma orientação particular”.

Ainda assim, não nos damos por satisfeitos em trabalhar somente com espaço, buscamos o conceito de espaço urbano como produto social para subsidiar nossos debates na pesquisa. Inicialmente, nos deteremos à afirmação de Costa (2000, p.41), o qual diz que: “O espaço urbano como produto social, por efeito, apresenta as mesmas características já analisadas sobre a noção de espaço”, ou seja, ele constitui um reflexo e um condicionante da sociedade e se apresenta também fragmentado e articulado.

Diante dessa visão, percebemos o processo de evolução do espaço urbano, uma vez que as cidades convivem com um constante processo de mutação, tendo em vista, naturalmente, o seu desenvolvimento espacial. Devemos pensar estes espaços como produtores e produtos do movimento criado pelo desenvolvimento das relações capitalistas de produção. Nesse sentido, os intensos processos de urbanização são montados em reflexos de acumulação e concentração do capital.

O aumento das atividades no espaço urbano é próprio do modo de produção capitalista, pois é aí onde se concentram, em maior proporção, a força de trabalho e os meios de produção. Esse crescente aumento gera a aglomeração urbana, para cuja expansão é necessária a aquisição de mais espaços. Como é produzido pelo trabalho, o espaço urbano não é estático nem acabado, e sim, reproduzido sem interrupção, encontra-se em permanente processo de transformação, acompanhando e condicionando a evolução da sociedade.

Para discutir o espaço urbano, deve-se ainda lembrar que, embora constituído fisicamente de muitos elementos artificiais, ele é antes de tudo social, pois sem a ação do homem em suas diversas relações, modo de vida e de produção capitalista, tal espaço não teria sido produzido. O espaço urbano é um espaço socialmente construído, humano, mas, sobretudo, o espaço da realização do capital uma vez que,

[...] no modo de produção atual e na 'sociedade em ato' tal como ela é, o espaço tenha assumido, embora de maneira distinta, uma espécie de realidade própria, ao mesmo título e no mesmo processo global que a mercadoria, o dinheiro, o capital (LEFEBVRE, 2006, p. 36).

A partir da temática espacial e mais especificamente urbana, Corrêa desenvolveu a obra "O espaço urbano" em que conceitua e analisa a organização desse espaço, elencando os principais "agentes produtores do espaço" e suas relações. Esse autor caracteriza o espaço urbano como sendo simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo da sociedade e da organização espacial da cidade, mutável e simbolicamente formado.

Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais (CORRÊA, 1995, p.9).

É importante ressaltar que o autor está elaborando o conceito de espaço urbano, e não espaço geográfico. Embora o referido autor utilize o conceito de organização do espaço urbano, é perceptível que sua teoria comunga das principais ideias de Lefebvre uma vez que ambos concordam que o espaço é um produto social e que nele o homem materializa suas intenções, organizando-o e estruturando-o de forma que possa ser usufruído da maneira que lhe ofereça maiores vantagens.

Assim, a prática socioespacial dá forma e conteúdo ao espaço urbano e às cidades já que "as relações sociais se materializam num território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço, enquanto prática sócio-espacial" (CARLOS, p.14).

2.2 Verticalização

Os estudos de verticalização das cidades brasileiras apresentam características comuns no que se refere aos seus aspectos de análise. A verticalização sempre é colocada como um marco revolucionário na paisagem urbana, destacando-se as transformações profundas no corpo urbano baseados em progressos técnicos. Nos dicionários o conceito de verticalização aparece de forma mais simplificada, alguns autores correlacionam o conceito de verticalização com o aparecimento de altos edifícios na cidade.

A verticalização pode ser considerada como “[...] resultado da multiplicação do solo urbano [...]” (FERREIRA apud MENDES, 1992, p. 32), ou ainda como “[...] resultante no espaço produzido de uma estratégia entre múltiplas formas de capital: o fundiário, o imobiliário e o financeiro [...]” (SOUZA apud MENDES, 1992 p. 32). Existem vários autores que ao pesquisarem esta temática deram sua contribuição para conceituar o processo de verticalização.

Souza (1999, p. 30) entende que a verticalização se constitui na forma privilegiada de um segmento importante da reprodução do capital no espaço, aliada a uma nova forma (modo) de morar, e se cristaliza em uma das geografias do espaço metropolitano. Mendes (1992, p.32) dá sua contribuição quando escreve que a verticalização se constitui em:

[...] Um processo intensivo de reprodução do solo urbano, oriundo de sua reprodução e apropriação de diferentes formas de capital, principalmente consubstanciado na forma de habitação como é o caso do Brasil. Além da associação junto às inovações tecnológicas que interferem no processo, alterando a paisagem urbana.

Macedo (1987, p.9) afirma que:

[...] Verticalizar significa criar novos solos sobrepostos, lugares de vidas dispostos em andares múltiplos, possibilitando, pois, o abrigo em local determinado de maiores contingentes populacionais do que seria possível admitir em habitações horizontais, e, por conseguinte, valorizar estas áreas urbanas pelo aumento do seu potencial de aproveitamento.

A verticalização está intimamente relacionada ao processo de urbanização e produção do espaço urbano, à reprodução do capital e às metamorfoses espaciais

da cidade uma vez que, com o crescimento acelerado das cidades, a expansão horizontal foi gradativamente ocupando terrenos, principalmente os mais interessantes para os agentes produtores do espaço urbano que, através da técnica e evolução da construção civil, viram na verticalização a solução para a multiplicação do solo, bem como para a realização de demais fins.

A abordagem do tema verticalização não é algo inédito visto que vários acadêmicos conceituados, dentre eles geógrafos, sociólogos, urbanistas etc., vêm pesquisando sobre o assunto ao longo dos últimos anos. As primeiras cidades brasileiras a suscitar estudos sobre a produção vertical do espaço urbano foram São Paulo e o Rio de Janeiro pelo fato de serem cidades pioneiras em tal processo. Segundo Souza (1994), o marco temporal desse processo no Brasil foi um edifício construído em São Paulo em 1912, para escritórios e estabelecimentos comerciais. A cidade de São Paulo é um dos principais recortes espaciais de pesquisa sobre o tema verticalização. Nesse sentido, dentre os estudos realizados em São Paulo, pode-se destacar Somekh (1987;1997), em suas obras intituladas *A (des)verticalização de São Paulo e A Cidade Vertical*, nas quais há uma contextualização da entrada do moderno no padrão construtivo da habitação sendo a verticalização a “possibilidade de multiplicação do solo urbano permitida pelo elevador”.

De acordo com Souza (1994, p. 25-26), a verticalização do espaço urbano constitui uma revolução da forma de construir, que afeta a dinâmica da acumulação / reprodução do capital no setor da construção civil, pois “a penetração da técnica, associada ao surgimento de múltiplos agentes interessados nessa produção, articula-se sob formas que se vão diferenciando no tempo” (SOUZA, 1994, p.88).

Esse processo de verticalização é visto, então, como sendo resultante de uma estratégia entre múltiplas formas de capital produzindo o espaço urbano.

Souza (1994) conclui, então, que a verticalização é uma forma de reprodução do capital na cidade, que além de ser diretamente ligada à especulação e à acumulação de capital, modifica as formas da cidade, bem como a sua funcionalidade, denotando, dessa forma, transformações espaciais.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O procedimento aplicado inicialmente durante a pesquisa foi a visita à área do bairro Novo, onde foram realizados os estudos iniciais como delimitações para a pesquisa.

Após as delimitações da área em estudo, privilegiou-se a pesquisa empírica e de campo, com realização através de três etapas:

- Bibliográfica – Referencial teórico sobre espaço, espaço urbano e verticalização, levantamento das condições geo-ambientais da região e levantamento de dados junto ao IBGE, e Prefeitura Municipal de Guarabira, entre outros órgãos.

- Pesquisa de Campo – coleta de dados a partir de depoimentos informais e observação da paisagem local por meio de fotografias que, de acordo com Justiniano (2005, p. 187), ilustra e documenta eventos naturais e sociais que ocorrem num determinado tempo e lugar.

- Estabelecer o grau de inter-relação entre a teoria e a pesquisa de campo, abordando indicadores sócio-econômicos, como renda e educação, habitação, tipo de moradia (permanente ou improvisado), as condições de propriedade (do domicílio e do terreno), a verticalização dos solos (domicílios tipo apartamento), e as condições de saneamento do domicílio (água, esgoto e lixo).

Assim, para a realização de todas as etapas deste trabalho e sua organização definitiva foi necessária a utilização dos diversos instrumentos citados a seguir:

- Levantamento do material Geocartográfico:

- Mapa do estado da Paraíba – Atlas geográfico escolar – Paraíba, 2001.
- Acervo fotográfico particular do bairro Novo, referente ao ano de 2011.
- Equipamentos de informática, tais como: microcomputador, teclado, scanner e impressora.
- Instrumentos para anotação e checagem em campo:
- Máquina fotográfica;

Na etapa de gabinete, necessitou-se organizar e selecionar materiais bibliográficos e instrumento técnico de pesquisa sobre a verticalização do bairro Novo. Também nesta fase pesquisou-se os dados específicos sobre a área de estudo.

Os procedimentos de gabinete foram assim dispostos:

- Fichamento do material bibliográfico;
- Elaboração do roteiro de visitas;
- Seleção das figuras e fotografias;
- Organização dos dados obtidos;
- Digitação dos dados;
- Elaboração do texto.

Após a conclusão das etapas de gabinete e campo, e a análise dos dados, realizou-se a digitação final.

4 CARACTERIZAÇÃO GEO-AMBIENTAL DA ÁREA DE ESTUDO

O Município de Guarabira está localizado na microrregião geográfica de Guarabira, numa zona chamada de Piemonte da Borborema. Tendo como Mesorregião geográfica o Agreste Paraibano. Estando situada na região geográfica da Depressão sub-litorânea o município corresponde a uma área de 149,5km². Com uma distância de 98,4 km da capital do estado (RODRIGUEZ, 2000, p. 13-15).

É determinado pelas Coordenadas Geográficas: Latitude: 6° 51'17"; Longitude: 35° 29'24". Atualmente, o Município de Guarabira é constituído da própria sede e do Distrito de Cachoeira, com uma área de 149,5 km². A sede do município tem como bairros Rosário, São José, Esplanada, Primavera, Bela Vista, São Manoel, Cordeiro, Novo, Nordeste I e II, Juá, Nações e Areia Branca. Na cidade temos alguns conjuntos habitacionais como: Mutirão, Deputado Antônio Mariz, CEHAP, Osmar de Aquino, Assis Chateaubriand, Clóvis Bezerra, Nossa Senhora Aparecida, Conjunto Lucas Porpino e Conjunto Ana Kelly.

O município se destaca como centro polarizador do comércio na região do Brejo, uma vez que convergem para sua sede consumidores das cidades circunvizinhas como Alagoinha, Cuitegi, Pilões, Araçagi, Pirpirituba, Sertãozinho, Duas Estradas, Pilõezinhos, Mari, Belém, dentre tantas outras e até de cidades mais distantes como Passa e Fica e Nova Cruz, pertencentes ao estado do Rio Grande do Norte.

Observando os mapas da figura nº 01 as cidades que limitam o município de Guarabira são: ao norte os municípios de Pirpirituba e Araçagi, ao sul os municípios

de Mulungu e Alagoinha, ao leste o município de Araçagi, e ao Oeste os municípios Pilõesinhos e Cuitegi. Com base na Folha topográfica Guarabira SB-25-Y-A-V-SUDENE-1974.

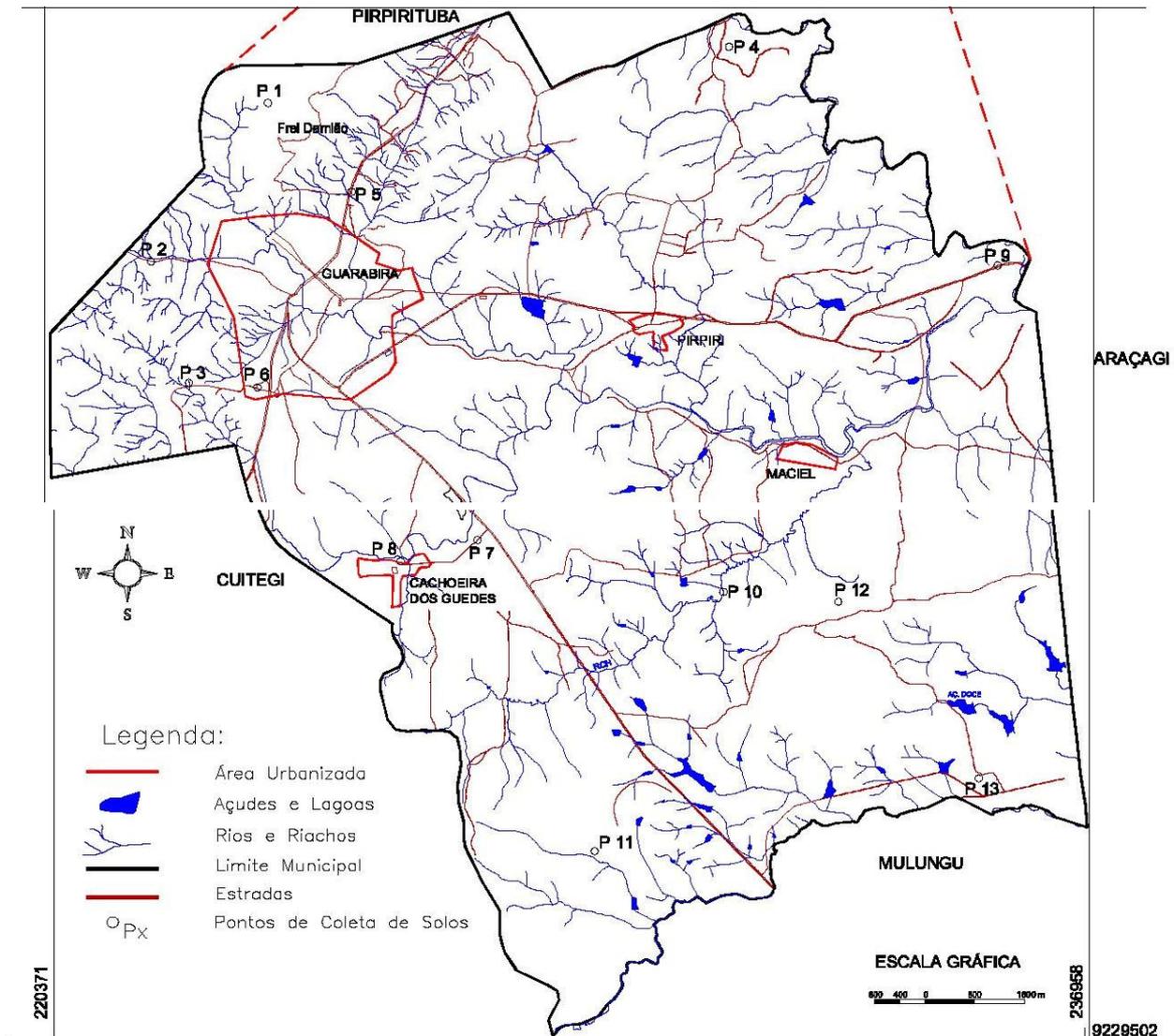


Figura 1 – Localização de Guarabira (PB)
Fonte: ARRUDA, 2008.

A história do município de Guarabira, em linhas gerais, pode ser analisada em três momentos: sua formação territorial, a povoação de Guarabira e a criação da Vila e da Cidade. Seu aspecto geral histórico quer dizer muito para chegarmos a uma compreensão, mas, o nosso elemento de pesquisa quer explorar as relações sócio-econômicas do Bairro Novo mais do que o seu contexto geral.

As nações indígenas que predominavam na região eram tabajaras e potiguaras, que viviam em constantes escaramuças pela posse definitiva da terra. Numa dessas lutas, os Potiguaras venceram e expulsaram os tabajaras. As lutas eram sangrentas entre essas duas nações indígenas. As que os potiguaras travavam contra os portugueses e que tentavam o contrabando do pau-brasil, motivaram forte represália do então governador da Capitania, Feliciano Coelho de Carvalho (1592/1600), na tentativa de pacificar a região, bem como de exercer domínio total da Serra da Copaoba, reduto habitacional dos potiguaras, fortalecido pelo apoio dos franceses. O próprio Martim Leitão, fez várias incursões àquela Serra, tentando definir a situação em favor da Coroa Portuguesa (CAMELO, 1999).

Diz-se que Duarte Gomes Silveira, que já conhecia a região desde que integrou a expedição de Martim Leitão nas primeiras lutas contra os potiguaras, instalou em Guarabira um engenho ao qual denominou de MORGADO, destinado à produção de açúcar mascavo. Certamente, em torno do engenho se construíram as primeiras casas residenciais. E é por isso que José Leal e Luiz Pinto, citados por Camelo (1999, p. 57), afirmam categoricamente "... que a fundação de Guarabira vem do ano de 1694, em terras do engenho Morgado, pertencentes a Duarte Gomes da Silveira, que destarte tornou-se o seu fundador".

No aprofundamento da questão, vamos encontrar em 15 de maio de 1730, uma capela construída pelo padre João Milanez em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, numa evidência de que essa construção se deu por haver povoamento da região e se originou de um sacerdote que precisava exercer as suas funções de vigário.

Assim foi se formando Guarabira que teve como seus primeiros habitantes os religiosos Miguel Dias, Francisco Ferreira, e João Milanês e além é claro, de Costa Beiriz e toda sua família. Em 1830 Guarabira apresentava um desenvolvimento social e econômico já razoável. O destaque desse desenvolvimento era nítido na agropecuária, no comércio e na indústria açucareira, (SILVA, 1997).

Na passagem do Império à República, ou seja, do Século XIX para o século XX, o principal benefício à economia paraibana representou-se pelo transporte ferroviário, que partiu da capital, onde o primeiro trem correu em 1881, chegou a Pilar em 1883, e no povoado de Guarabira em 1884, pela The Conde Deu Railway Company. Com a República assume a construção das ferrovias, a Estrada de Ferro Great Western Raliway.(COELHO, 1955).

No bairro do Centro iam surgindo várias lojas comerciais, mercearias de porte médio, hotéis e armazéns de descarçamento de algodão, e a realização de uma feira semanal. O povoado de Guarabira foi elevado a Vila pela Lei n^o 17, de 27 de abril de 1837, com o nome de Vila de Independência (SILVA, 1997).

Segundo Camelo (1999, p. 68), a Vila de Independência crescia com o advento do algodão, onde riquezas começaram a surgir da noite para o dia. Ergueram-se casarões e sótãos na rua da matriz e nas ruas ao redor delas. O trem de passageiros e cargas cortava a cidade, trazendo progresso ao comércio local e de toda a região polarizada por Guarabira. Mas, só em 1887, o Presidente da Província da Parahyba, Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, sancionou a Lei Provincial nº841, de 26 de novembro de 1887, que outorgou a categoria de cidade a Guarabira, (CAMELO, 1999).

Situada nos primeiros contrafortes da Borborema, Guarabira ia se afirmando como uma futura cidade promissora para seus moradores e sonhadores, visto que o futuro era incerto, mas, a certeza de que seria algo de referência era já certa. Assim foi se formado seu espaço geográfico até apresentar as feições atuais, com as configurações, inclusive dos bairros, (SILVA, 1997).

No que se trata do bairro Novo, este localiza-se ao norte de Guarabira e limita-se com: Serra da Jurema (ao norte), Centro (ao sul), Centro (ao leste) e Cordeiro (a oeste), possuindo no ano de 2009 uma população de 6.184 habitantes e 2008 residências, conforme dados obtidos junto ao órgão de Vigilância à Saúde da Prefeitura Municipal do município.

Segundo o senhor Otacílio, 72 anos de idade, comerciante, residente a Rua Napoleão Laureano, 63, Centro, a origem do Bairro Novo tem seu marco a partir de um terreno pertencente a família Aquino e a outra a família Miranda. Seu desenvolvimentnto teve um avanço significativo após a construção do mercado público nos anos 50, passando o comércio a tomar outra direção, que até então se concentrava na Avenida D. Pedro II nas proximidades onde hoje se localiza o Praça Lima e Moura.

De acordo com o mesmo Melo (2007), a necessidade de expansão do município, que fez parte de um processo desenvolvimentista de crescimento urbano, ocorrido em todo o país, atraía cada vez mais o homem do campo, que por sua vez, se envolvia nesse processo na busca por melhores condições de vida, vindo a

cidade como um ambiente promissor que podia oferecer a oportunidade que procurava. Diante desse processo surgiu o Bairro Novo.

Em pesquisa realizada, Melo (2007) afirma que o bairro surgiu com seu topônimo definido, Bairro Novo, no seu início havia apenas algumas casas, onde hoje se localiza o antigo Colégio Buriti, esse local se chamava “Macaíba” e “Colônia” posteriormente com a venda de lotes e construção de casas passou a ser chamado pelos moradores definitivamente de “Bairro Novo”, se tornando assim o primeiro bairro de Guarabira, sem ser antes chamado de rua, diferente de outros bairros guarabirenses.

Por surgir um novo bairro nas proximidades do mercado público, facilmente tornou-se um lugar atraente, principalmente para os comerciantes, que almejavam o desenvolvimento da cidade com sua expansão.

Uma nova configuração foi se transformando numa aglomeração urbana bastante desenvolvida, que teve sua expansão e valorização desde a construção do Mercado Público nos anos 50, é neste bairro que existe o maior número de edifícios, permanecendo considerada a área mais nobre da cidade, proporcionada desde sua criação, pela sua facilidade do alcance da população aos serviços do centro, atraindo as pessoas de classe média alta e classe média, da cidade de Guarabira (Figura 02).



**Figura 02 – Croqui do Bairro Novo, município de Guarabira
Fonte: IBGE, 2010.**

5 VERTICALIZAÇÃO DO BAIRRO NOVO

Embora a verticalização da cidade de Guarabira tenha se iniciado já há alguns anos, essa dinâmica foi perceptível no bairro Novo há cinco anos, quando ocorreu a aceleração desse processo, representando uma expressiva mudança na paisagem do bairro, que era constituído praticamente por unidades habitacionais horizontais (Figura 1).



Figura 1: Diferenciadas tipologias edilícias no Bairro Novo
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

É visualmente nítida a mudança quanto às tipologias edilícias no bairro Novo a partir, principalmente, do início do século XXI. O bairro mudou bruscamente suas formas e funções em detrimento da construção civil através da verticalização do seu solo e das atividades de comércio e serviços (Figura 2 e 3).

A princípio essa mudança está visualmente estampada no olhar daquele que admira a paisagem do bairro Novo, já que o número de empreendimentos verticais no bairro ascendeu substancialmente. Entretanto, essas formas são originadas através de dinâmicas espaciais que se sucedem historicamente e que envolvem fatores que se realizam nas entrelinhas, ou seja, que não podem ser vistos somente sob a concepção da visualização da paisagem constituída por construções verticais, mas sim através da análise socioespacial dessa dinâmica no bairro.



Figura 2: Verticalização do Bairro Novo
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.



Figura 3: Verticalização do Bairro Novo
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Quando se trata da verticalização, os agentes envolvidos observam fatores que possibilitem a construção de empreendimentos verticais da melhor maneira que possa reproduzir capital, ou seja, obter mais lucro. Dentre estes fatores, podem ser elencados: a localização da área escolhida para a construção; o acesso à terra; o financiamento da obra; a legislação urbanística vigente para a área; a demanda de consumo, a infraestrutura local, dentre outros. Por outro lado, outros agentes buscam consumir imóveis nestes empreendimentos, avaliando, dentre os variados

aspectos, opções como lazer, segurança, status social, paisagem e localização privilegiadas, dentre outros, seja para residir ou para investir no mercado imobiliário, gerando uma demanda substancial de consumo.

A construção de empreendimentos verticais no bairro estampou na sua paisagem, ao longo dos anos, diversos edifícios construídos e em construção. Desta forma, gradualmente, várias casas foram sendo transformadas em empreendimentos verticais, denotando uma nova tipologia de *habitat* neste lugar. Como pode ser percebido nas Figuras 4 e 5, onde a primeira foto explicita uma casa, com reformas em relação ao projeto original, e a segunda explicita a construção de um empreendimento vertical.



Figura 4: Casa situada na rua José Epaminondas em processo de verticalização
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.



Figura 5: Transformação de imóvel em um edifício vertical
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Outra metamorfose espacial, que é produto e condição para a verticalização do bairro Novo, é o seu fortalecimento enquanto uma nova centralidade urbana da cidade de Guarabira, atraindo investimentos e negócios localizados no bairro e nas suas proximidades, como por exemplo a implantação de supermercados, padarias, pizzarias, academias, salões de beleza, bares, dentre outros tipos de serviços que atendem à demanda de moradores, conforme figura 6.



Figura 6: Padaria localizada no bairro Novo
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

O preço do solo do bairro ascendeu muito, devido aos investimentos de capital, o que também transformou o bairro Novo, em um dos principais focos de investimentos da construção civil da cidade de Guarabira (Figuras 7 e 8).



Figura 7: Edifício construído no bairro Novo
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.



Figura 8: Edifício em fase de construção no bairro Novo
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Essa supervalorização do solo culminou por valorizar ainda mais o bairro que possui um número considerável de empreendimentos verticais construídos e em construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica da verticalização está intimamente relacionada ao processo de urbanização das cidades e reprodução do capital, também está diretamente relacionada a metamorfoses espaciais dos lugares. A verticalização é a própria materialização do capital se reproduzindo no espaço urbano, e acontece de acordo com a relação entre diversos agentes sociais que produzem o espaço urbano.

A medida em que uma área ganha novas funções espaciais, principalmente as que já estão ocupadas horizontalmente, que para continuar adensando população necessita verticalizar, a paisagem começa a ser modificada. A forma desta área ganha novas feições, estampando naquele que a observa um símbolo próprio do capitalismo. O capital se reproduz no espaço urbano através da relação de interesses e conflitos, que hora convergem, hora divergem para ações naquele espaço.

Neste contexto, o bairro Novo denota ser mais um espaço urbano em constante transformação para que o capital seja reproduzido, por meio dos investimentos na atividade imobiliária, o que implica em contextos específicos criados e recriados, além de metamorfoses espaciais.

Os agentes sociais produtores do espaço urbano encontraram uma nova possibilidade de investir neste lugar, com a multiplicação do seu solo, através da sua verticalização. Porém, não se pode perder de vista que, a propriedade do solo origina monopólio e renda àqueles que a detêm, o que também é pe bairro Novo.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo, EDUSP, 1994.

_____. **A cidade**. São Paulo, Editora Contexto, 1990.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.

CORREA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, L.F.S. **Os promotores imobiliários no processo de verticalização das cidades de Maringá, Cianorte e Umuarama**. Dissertação (Mestrado). Maringá: UEM/PGE, 2000.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. In: Tradução do Grupo “**As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea**”, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG, 2006.

MACEDO, S.S. **São Paulo, paisagem e habitação verticalizada** – os espaços livres como elemento do desenho urbano. 1987. 351f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) FAU, USP, São Paulo.

MENDES, C.M. **O edifício no jardim, um plano destruído**. A verticalização de Maringá. Tese (Doutorado em Geografia) FFCHL, USP, 1992.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6.ed. São Paulo, EDUSP, 2008a.

_____. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo, EDUSP, 2008b.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A identidade da metrópole**: a verticalização em São Paulo. 1. ed. São Paulo: Hucitec/ EDUSP, 1994.